

DA COMUNICAÇÃO À CULTURA DE RISCO: DESAFIOS PARA NOVAS ABORDAGENS

Cintia Okamura

CETESB - Companhia Ambiental do Estado de São Paulo
cintiaokamura@hotmail.com ; cokamura@sp.gov.br

Jacques Lolive

Laboratório PACTE CNRS - França
jacques.lolive@ujf-grenoble.fr

***Os dois autores têm contribuição equivalente na elaboração do presente artigo**

RESUMO

O contexto urbano de São Paulo é caracterizado pela coexistência de atividades industriais, vias de comunicação saturadas, áreas contaminadas, áreas de moradia entre as quais muitas são ocupações irregulares. Como consequência, os habitantes são expostos a uma combinação inédita de riscos variados. A CETESB, agência governamental responsável pela regulação de riscos sanitários e ambientais, desenvolveu um forte potencial para o monitoramento, análise e regulamentações sobre o componente bio-físico de risco, porém, falta-lhe o conhecimento de seu componente antrópico para desenvolver ferramentas, métodos e leis melhor adaptados. Desta forma, apresentamos o projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido em São Paulo que propõe testar e construir metodologias pertinentes para analisar, revelar e valorizar a experiência da população exposta ao risco a fim de contribuir com o desenvolvimento de uma cultura de risco e produzir conhecimento complementar ao que já vem sendo produzido pelas instituições responsáveis pela gestão do risco, como a CETESB.

Palavras-chave: cultura de risco, experiência da população, participação, métodos qualitativos, gestão de riscos.

Introdução

Em geral, a comunicação envolvendo especialistas, poder público, população e a mídia é problemática devido à dificuldade de entendimento das questões técnicas pelo público em geral e, por outro lado, devido à dificuldade dos técnicos levarem em conta o universo material e cultural da população. Tal quadro resulta, muitas vezes, na adoção de concepções pré-concebidas e incertas, gerando conflito entre os atores envolvidos, principalmente nos casos que envolvem emergência e risco ambiental. Esse contexto mostra a necessidade de procedimentos e de instrumentos que contemplem a definição de estratégias de intervenção, de gestão da informação e de mobilização da população em diversas situações. Desta forma, o presente trabalho propõe apresentar a experiência que está sendo desenvolvida em São Paulo, cujo contexto urbano é caracterizado pela coexistência de diferentes tipos de riscos e cujas instituições responsáveis pela regulação de riscos sanitários e ambientais, como a CETESB (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo), se defrontam com novos desafios para apresentar de forma ponderada à sociedade situações ou contextos que a ameaçam. A CETESB desenvolveu um forte potencial para o monitoramento, análise e regulamentações sobre o componente bio-físico de risco, porém, falta-lhe o conhecimento de seu componente antrópico para desenvolver ferramentas, métodos e leis melhor adaptados. Desta forma, estamos desenvolvendo uma pesquisa que propõe testar e construir metodologias pertinentes para analisar, revelar e valorizar a experiência da população exposta ao risco a fim de contribuir com o desenvolvimento de uma cultura de risco e produzir conhecimento complementar ao que já vem sendo produzido pelas instituições responsáveis pela gestão do risco. Entendemos por

“cultura de risco” uma concepção ampla da comunicação de riscos que associa o conhecimento técnico e científico e o conhecimento da população. Esta “cultura de risco” valoriza as práticas de prevenção, precaução e vigilância que se baseiam na experiência da população exposta. A pesquisa terá como piloto as áreas contaminadas. Os resultados da pesquisa serão traduzidos em normas de ação que permitirá a elaboração de um protocolo de sensibilização-comunicação e participação que será implementado pela CETESB e poderá servir de modelo para outras instituições.

Problema: compreender a dinâmica da sociedade de risco

O desenvolvimento espetacular dos riscos ambientais nas sociedades contemporâneas foi analisado por Ulrich Beck que propôs a noção de *sociedade de risco*. Segundo Beck “a produção social de riquezas é sistematicamente relacionada com a produção social de riscos” (Beck, 2001. p. 36). Estes riscos contemporâneos do qual Beck enfatiza a seriedade não são apenas aqueles vindos de fora da sociedade (desastres naturais) mas os que são gerados pela própria sociedade visto que a ciência e a tecnologia não cessam de produzir efeitos inesperados. Tornamo-nos “mestres e possuidores da natureza”, como previa Descartes, mas o produto desse controle, a tecno-natureza profundamente hibridizada, estas misturas inextricáveis de elementos naturais e sociais, proliferam e são difíceis de controlar: por exemplo, o caso de Chernobyl, as mudanças climáticas, entre outros. Estas análises transformam profundamente a concepção de riscos bem como a diferença entre os riscos naturais e tecnológicos está desaparecendo em favor da categoria de riscos ambientais. Os riscos emergentes surgem de inovações técnico-científicas e de mudanças sociais, sendo que a produção e socialização de riscos são feitas agora na forma de transbordamentos. Este é o efeito dominó que denota o risco multiplicador constituído pela presença, num mesmo território, de várias instituições em risco ou pela possível combinação de riscos industriais e naturais em um evento. O efeito dominó reflete o acoplamento entre os processos (Provitolo 2005). À complexidade dos riscos suscetíveis de entrar em ressonância uns com os outros em um mesmo território se soma a complexidade das funções metropolitanas e dos ecossistemas que, por sua vez, vão amplificar esses riscos. Os riscos emergentes são caracterizados por um elevado grau de complexidade, incerteza e ambiguidade (Funtowicz, Ravetz, 1992, Cothorn 1996; Renn, Stirling, Müller-Herold 2004) e tornaram-se invisíveis, imperceptíveis e difíceis de decifrar sem instrumentação científica. Desta forma, o conhecimento científico sobre a avaliação de risco e a sua implementação são incompletas e parciais, apontando que a resolução de problemas não pode ser realizada unicamente pelo governo ou pela competência exclusiva dos especialistas, mas requer uma outra maneira de entender a avaliação como um processo institucional, plural e participativo para identificar e prevenir os impactos dos riscos emergentes tanto na sociedade como no ambiente. Em outras palavras, os riscos emergentes, assim como outros problemas ambientais, exigem uma compreensão junto às populações expostas, ou seja, junto àqueles que são afetados diretamente por esses problemas e que estão diretamente interessados em sua resolução.

Questões Metodológicas: desenvolver uma cultura de risco

Diante do exposto, nosso projeto visa contribuir para o desenvolvimento de uma “cultura de risco” junto aos moradores, que possa lhes permitir melhor viver e morar em cidades expostas ao risco como São Paulo. Entendemos por “cultura de risco” uma concepção ampla da comunicação de risco que associa o conhecimento técnico e científico e o conhecimento da

população. Esta cultura de risco promove as práticas de prevenção, precaução e vigilância que se baseiam na experiência da população exposta. Propomos para o desenvolvimento de uma cultura de risco experimentar métodos para que as populações que vivem em áreas contaminadas de São Paulo 1) façam “a experiência de risco” apesar de seu caráter invisível à experiência humana e antes do evento acontecer 2) possam exercer a sua “reflexividade”, ou seja, compreender os efeitos secundários latentes e as dinâmicas de “transbordamento” as quais elas contribuem e que caracterizam a sociedade de risco. 3) vivam melhor em áreas de risco, o que pressupõe mudar a percepção em relação às áreas contaminadas tanto pela população como pelo poder público, empresas, técnicos, gestores e demais segmentos envolvidos. Assim, pressupõe compreender tais áreas não somente como zonas de risco mas como um meio de vida no qual seus habitantes estão ligados.

Métodos para desenvolver a cultura de risco

- **Criar uma ambiência de risco para sensibilizar a população exposta**

Para trabalhar com a experiência sensível dos moradores e apreender sobre suas experiências em áreas de risco, propomos nos apoiar na noção de ambiência que é tanto um instrumento para a compreensão da experiência do habitante como um possível recurso para a ação coletiva na medida em que ela traduz a riqueza dos laços que unem os habitantes a seus territórios de vida. A noção de ambiência pode também enriquecer a gestão de riscos, favorecendo a participação dos moradores através da percepção sensorial e a integração das suas preocupações nas políticas de gestão de risco.

- **Análise de controvérsias para melhor compreender os impactos dos riscos emergentes**

Propõe-se contribuir para uma melhor avaliação dos “riscos emergentes” na cidade de São Paulo, identificando seu impacto sobre o ambiente de vida das populações expostas e a percepção desses riscos emergentes, por meio da análise de controvérsias que vai se apoiar: no diagnóstico participativo envolvendo populações expostas, na coleta e interpretação de informações, na análise retrospectiva de crises anteriores que ocorreram em São Paulo. A controvérsia é uma situação problemática em que há uma superposição de incerteza científica, estratégias conflitantes das partes interessadas e uma forte mobilização social. A análise das controvérsias pode, portanto, ser utilizada como uma ferramenta metodológica para a compreensão de como se constituem novas questões públicas, nas quais os riscos emergentes são um excelente exemplo. Como a análise de controvérsias será incluída no processo participativo, ela vai permitir o exercício da reflexividade da população exposta aos riscos emergentes.

- **A estética participativa para criar e revelar o conhecimento local dos moradores**

Os métodos de estética participativa visam restaurar uma parte da experiência sensorial, estética, vivencial dos habitantes a fim de coletar os saberes locais. Para ilustrar estes métodos, propomos um exemplo aplicado em uma pesquisa realizada na bacia do Vallée du Var, localizada no território da cidade de Nice, no sul da França.

“Cartes de Gullive” e experiências com inundações

A oficina de fotografia aérea é um dispositivo de pesquisa participativa do tipo “*Cartes de Gullive*” que permite recolher a fala dos moradores em diferentes condições de inquérito clássico por questionário. Ela se baseia em uma grande fotografia aérea plastificada, de 8 metros por 3 (reprodução a grande escala 1/3000) que é colocada ao ar livre. Os participantes são convidados a colocar os post-it (ou desenhar com giz indicações) na foto aérea para

expressar suas reações e seus comentários. Algumas questões são colocadas como: Quais são os locais que eles apreciam? Quais são as transformações atuais? O rio (no caso da Bacia Vallée du Var) é perigoso? A análise das entrevistas permite muitas informações sobre a percepção das pessoas. Por exemplo, nessa oficina aplicada na Bacia do Vallée du Var foram recolhidas informações importantes sobre a memória do risco causado por uma inundação, que destacou, entre os moradores expostos, posturas de negação sobre o risco existente e posturas de vigilância, revelou uma memória ampla (que não se limita ao visual) da experiência vivida na ocasião de enchentes, capaz de restituir sua ambiência particular.

- **Seminários Participativos: empoderar os habitantes para cuidar do território contaminado**
Os seminários participativos se constituem em reais assembleias de moradores em áreas de risco pois os testemunhos recolhidos contribuem para o aumento do conhecimento sobre a história e o grau de contaminação, a poluição, a vulnerabilidade da área do ponto de vista dos habitantes, além de favorecer a expressão pública das histórias de vida em áreas de risco, das falas singulares dos moradores carregadas de emoção, esperança e sofrimento. Estes intercâmbios entre os participantes expressam a vulnerabilidade conjunta dos moradores e seus ambientes de vida. Eles refletem o fato de que um território exposto ao risco, um local contaminado, afetado, poluído, continuam a ser um ambiente de vida. Considerá-lo como um meio de vida permite uma reapropriação do lugar pelos seus habitantes e o empoderamento coletivo.

Conclusão

O conhecimento produzido pela pesquisa pretende melhorar as políticas de gestão de risco das instituições responsáveis por estas questões como a CETESB.

Este projeto de pesquisa faz parte de um programa de cooperação franco-brasileiro que tem como objetivo desenvolver conhecimento sobre “risco” complementar ao que já vem sendo produzido pelas instituições responsáveis pela gestão do risco, como a CETESB. Desta forma, o conhecimento sobre risco que propomos desenvolver neste programa está centrado na experiência da população exposta, ou seja, mais especificamente: os modos de habitar em áreas de risco; a experiência sensível das populações expostas ao risco; o impacto dos riscos emergentes nas populações expostas; a experiência vivida em situações de crise que envolvem emergência e risco. Enfim, o programa vai enfrentar o seguinte desafio científico: como articular os dois principais tipos de conhecimento sobre risco, um baseado em dados objetivos e outro sobre a experiência da população exposta?

Bibliografia

- Beck U., (2001) - La société du Risque. Sur la voie d'une autre modernité, Aubier [1^é éd. 1986].
- Cothorn, Richard C. (1996) - Handbook For Environmental Risk Decision Making. Lewis Publishers, New York.
- Funtowicz S. O. and Ravetz J. R., (1992) - Three Types of Risk Assessment and the Emergence of Post-Normal Science, in Krinsky S. and Golding D. (eds) Social Theories of Risk, Westport (CN), Praeger, p. 251-273.
- Provitolo D., (2005), Un exemple d'effets de dominos : la panique dans les catastrophes urbaines, Cybergeog: European Journal of Geography [En ligne], article 328, mis en ligne le 29 novembre 2005. URL: <http://cybergeog.revues.org/2991>